



NAVEGANDO NO RIO DOS SONHOS: quando o barco vira um circo¹

ROGÉRIO ZAIM- DE-MELO

Licenciado em Educação Física, UNESP; Mestre em Educação Física, USP; Doutor em Educação, PUC – Rio; Professor Adjunto da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal; Coordenador do Projeto de Extensão *Ginástica Geral e Atividade Circense* e do Grupo de Circo *Los Pantaneiros*.

MARCOS SÉRGIO TIAEN

Bacharel em Educação Física, Unicamp; Mestre em Educação, UFMS-CPAN; Professor da UFMS-CPAN e das Faculdades Salesianas Santa Teresa; Artista circense participante do projeto *Navegando no Rio dos Sonhos*.

LUIS BRUNO DE GODOY

Ator e palhaço habilitado pelo Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversão (SATED/SP); Bacharel em Ciências do Esporte; Mestre em Ciências Humanas e Sociais pelo programa Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, ambos pela Faculdade de Ciências Aplicadas da Unicamp (FCA/Unicamp); Doutorando em Educação Física e Sociedade pela Faculdade de Educação Física da Unicamp (FEF/Unicamp)

ANA CAROLINA PONTES COSTA

Graduada em Pedagogia; Mestre em Educação, ambos pela UFMS-CPAN; Doutora em Educação, PUC-Rio; Professora adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal.

MÁRCIA REGINA DO NASCIMENTO SAMBUGARI

Graduada em Pedagogia, UFMS – CPAN; Mestre em Educação Escolar, UNESP; Doutora em Educação, PUC-SP; Professora Associada I da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus do Pantanal. Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação/CPAN; Coordenadora do projeto *Navegando no Rio dos Sonhos*.

¹ O projeto *Navegando no Rio dos Sonhos* só foi possível devido à parceria com o artista plástico Aleksander Viera Batista e os circenses Aleksandra “Branca” Viera Batista e Flávio Bertini.

RESUMO

O presente artigo objetiva relatar a experiência de uma trupe, constituída por artistas circenses, bailarinas e acadêmicas da UFMS, que desbravou o rio Paraguai no Pantanal Sul-mato-grossense, levando a arte circense para a população ribeirinha, numa viagem de seis dias, realizada em junho de 2008, sendo necessárias 36 horas de subida do barco pelo rio Paraguai e 24 horas de descida, totalizando 448 km de navegação. Para realizar essa experiência, acoplou-se um palco à proa do barco-hotel Kassato Maru, transformando-o em um picadeiro. Foram realizadas 27 apresentações do espetáculo circense *Sobre o Azul das Águas* com uma variedade de apresentações, abrangendo força e equilíbrio, aéreos, malabares e palhaços, para 120 famílias, totalizando 700 espectadores.

PALAVRAS-CHAVE:

Circo.

Pantanal.

Rio Paraguai.

ABSTRACT

*This article aims to report the experience of a troupe, made up of circus artists, dancers and academics from UFMS, who explored the Paraguay River in the Pantanal (MS), taking circus art to the riverside population, on a six-day trip. In June 2008, requiring 36 hours of boat up the Paraguay River and 24 hours of descent, totalizing 448 km of navigation. For this experience to be carried out, a stage was attached to the bow of the hotel boat Kassato Maru, transforming it into a riding arena. There were 27 presentations of the circus show *Sobre o Azul das Águas* with a variety of presentations, covering strength and balance, aerial, juggling and clowns, for 120 families, totalizing 700 spectators.*

KEYWORDS:

Circus.

Pantanal.

Paraguay River.



RESPEITÁVEL PÚBLICO...

Senhoras e senhores, meninos e meninas, sejam bem-vindos!

Ao longo deste texto, descreveremos as experiências de uma trupe de artistas que cruzou o Rio Paraguai a bordo de um circo flutuante, levando o entretenimento e a arte circense para a comunidade ribeirinha pantaneira numa viagem de seis dias, realizada em junho de 2008, sendo necessárias 36 horas de subida do barco pelo rio Paraguai e 24 horas de descida, totalizando 448 km de navegação.



O PANTANAL

O Pantanal é a maior planície alagada do mundo com tamanho aproximado de 160.000 km², sendo considerado um dos mais abundantes ecossistemas brasileiros; está situado na região central da América do Sul, entre o Paraguai, a Bolívia e grande parte no Brasil – nos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Corumbá é o município sul-mato-grossense que possui a maior área do seu território em solos pantaneiros, um total de 95,6% (ABDON; SILVA, 1998).

As terras corumbaenses sofrem influência do ciclo das águas. Durante os períodos de cheia dos rios Paraguai e Cuiabá (as chuvas ocorrem com maior frequência nas suas cabeceiras), suas áreas recebem águas oriundas de diferentes regiões, as quais se movem lentamente, formando lagos permanentes ou temporários, e é o pulsar dessas águas que dita o ritmo da vida no Pantanal (PAULO, 2011).

O perímetro urbano de Corumbá apresenta uma área de 39 km², apenas 0,06% da extensão total do município. As características hidrológicas do ambiente pantaneiro acarretaram grandes dificuldades de acesso ao território corumbaense, levando a população a se concentrar nas margens dos rios e na área urbana (PEREIRA, 2007). A área não urbana do município de Corumbá é povoada por agricultores, por assentados, por funcionários das fazendas, por pescadores e pelas comunidades ribeirinhas.

As cheias dos rios criam um cenário paradisíaco com inúmeras espécies animais vivendo nesse bioma, além de uma flora riquíssima. Apesar disso, para aqueles que vivem nessas regiões, à mercê do ciclo das águas, existe uma grande dificuldade de acesso à educação, à saúde e à cultura.

O tempo dos ribeirinhos segue o ritmo da natureza, que determina como eles vivem. Muitas vezes esse modo de vida não se harmoniza com as leis que governam o cotidiano de outros grupos culturais (SILVA, 1995). Tudo isso acaba criando uma enorme lacuna entre os moradores da cidade e aqueles que vivem na beira dos rios.

Buscando romper com essa lacuna (urbano-ribeirinho), a ação de extensão *Navegando no Rio dos Sonhos – 2ª Edição: uma vivência em técnicas circenses e literatura infantil com professores de comunidades ribeirinhas*² teve o objetivo de levar a arte e a cultura às comunidades isoladas

2 O projeto teve apoio do Programa de apoio a Extensão Universitária – PROEXT/2007, do Ministério da Educação e da Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Esporte da UFMS.



da região do Pantanal. O projeto *Navegando no Rio dos Sonhos* teve duas edições: a primeira em maio de 2005 (BATISTA, 2005) e a segunda em junho de 2008 (UFMS, 2008).

Neste artigo, a nossa reflexão está centrada na segunda edição do projeto, focalizando a arte circense, uma vez que esta é parte do patrimônio cultural e, portanto, deveria ser direito acessível a todos (BORTOLETO, 2011).

A ARTE CIRCENSE E SUA FUNÇÃO DE RESSIGNIFICAÇÃO

Quando tratamos da arte circense fica difícil não pensar em seu processo de trânsito, conexões constantes, partindo de uma cidade a outra, vilarejo a vilarejo, comunidade a comunidade, mesmo os grandes circos de lona transitam e se estabelecem a cada temporada em uma região diferente. Para a arte circense, não há povo, cidade ou local; todo canto é canto para essa arte. Se recordarmos os primórdios da *commedia dell'arte*, os artistas mambembes circulavam em suas carroças, estabelecendo-se no lugar onde o povo estava e ali permaneciam, ou, no final do Século XIX, os circos que com seus grandes cortejos chegavam às cidades, reunindo centenas, milhares de pessoas (DUARTE, 1995). O circo busca o povo, é do povo e para o povo, rompe com barreiras, fronteiras e chega a cantos distintos pelo mundo, exemplo disso são os *Payasos Sin Fronteras* – PSF; o mundialmente conhecido Patch Adams, *Artists For Children*, *Pallasos en Rebeldía*, e tantos outros grupos e artistas independentes pelo mundo.

Pensar na arte circense é também entender sua função enquanto um meio de enfrentamento aos distanciamentos sociais tão presentes nas últimas décadas, visto que sem seu público o artista perde parte fundamental para realização de sua atividade. Isso vale tanto para aqueles artistas que estão diretamente ligados a causas humanitárias como também para a indústria cultural. Por esse motivo, o artista está aberto às conexões constantes e, no caso do artista comprometido com causas sociais, isso é ainda mais evidente.



O artista em contato com seu público explicita as trocas possíveis e reais entre aquele que é o fazedor da arte – artista e o receptor – seu público, essa relação estabelecida deixa em evidência a humanidade presente no artista enquanto um sujeito comum, no entanto, aberto e disposto a um processo de alteridade, de trocas e experiências possíveis e constantes que se estabelecem a cada novo encontro.

Aqui, o que chamamos de experiência não é uma mera vivência, mas sim aquilo que deixa marcas, que gera afetos possibilitados por uma abertura dos envolvidos, numa relação outrora inimaginável (LARROSA, 2017). A experiência é uma aventura incerta, perigosa na qual o artista se coloca a enfrentar o novo e não se sabe o que virá por meio desses encontros. O artista então se aventura a essas incertezas pela paixão que o toma (TUAN, 2013). Assim, quando o artista se coloca frente a seu público há um processo de abertura, estranhamento e ao mesmo tempo reconhecimento. Estranhamento pelo arquétipo distinto que ali se coloca e reconhecimento diante de sua humanidade. Bergson (2018), ao tratar sobre o riso, diz que um dos aspectos responsáveis por gerar esse reconhecimento está justamente na humanidade: rimos daquilo que está fora de nós, mas que também identificamos em nós, o que nos compõe enquanto indivíduos. No caso da arte circense, um exemplo disso é o palhaço, o bufão ou demais personagens cômicos. Trata-se de figuras que, ao se colocarem como objeto do riso, manifestam no outro um autorreconhecimento, um riso de identificação, algo propriamente humano.

Pensar por esse viés na arte circense em suas diversas vertentes é uma maneira de reconhecermos os aspectos humanos presente nesse trabalho, o que justifica tantos grupos e artistas pelo mundo que buscam com seus meios desenvolver ações em regiões distintas, seja em: hospitais, campos de refugiados, ruas, favelas, zonas de conflitos ou em regiões ribeirinhas, como estamos destacando nesta pesquisa.

Se resgatarmos a arte em seu contexto histórico, temos inúmeras referências que tratam de evidenciar sua função subversiva e transgressora que vão desde: a arte performática, a pintura, a música, a dança e tantas outras manifestações artísticas. A arte, além de ser feita para o povo, buscava dar voz a essas pessoas e muitas vezes foi uma das poucas formas possíveis para que isso ocorresse. Na arte circense, o bobo da corte é um exemplo disso. Ele dava voz ao povo, sendo um dos poucos nessa condição a estar diante do poder (MINOIS, 2003).



Esse processo humano destacado possibilita romper com certas barreiras impostas na atualidade: o medo do outro, de estabelecer relações com aquilo que Bauman (1998) vai chamar de “estranhos”³. Talvez a arte seja justamente essa possibilidade de revigorar e dar corpo e voz para constituir relações de afetos tão distantes nos últimos tempos.

Outro aspecto a ser considerado é que por meio do jogo manifestado na arte, o artista abre espaço para a criação de um tempo e espaço próprio que se estabelece pelo jogo (HUIZINGA, 2010), transformando por um momento que seja a dada realidade. O espaço antes instituído: praça, favela, campo de refugiados, hospital, comunidade ribeirinha, empresa ou qualquer outra região, subverte-se em palco/picadeiro para que o artista desenvolva sua ação. Podemos dizer que o artista tem consciência de que não irá subvertê-la definitivamente, ou seja, a ação ali constituída é efêmera, acontecerá e se encerrará em determinado período de tempo, mas aquele instante de permanência irá reverberar em outros fluxos contínuos de movimento (GODOY, 2019), seja pelas relações ali estabelecidas, projetos que possam vir a ser iniciados, mudança de concepção com relação a arte, a vida, enfim, uma gama de possibilidades que podem ser criadas decorrente da ação realizada. O artista se vai, mas os blocos de sensações ali produzidos podem vir a se sustentar e perdurar a longo tempo, gerando novas outras formas de afeto (DELEUZE, 2011).

NAVEGANDO NO RIO DOS SONHOS

*“As pessoas deste lugar
são uma continuação das águas”.*

(Manoel de Barros)

O rio dos sonhos é o Paraguai, que banha o município de Corumbá e engloba um dos maiores biomas do Brasil, o Pantanal.

3 “Estranhos” são todos aqueles que não estão dentro da lógica hegemônica regida pelo capital (BAUMAN, 1998).



PREPARAÇÃO

Antes de navegar, foi preciso compreender a dinâmica das comunidades ribeirinhas permanentes do Pantanal (da região do Paraguai Mirim a Serra do Amolar) e aprofundar o estudo sobre a arte circense. Para tanto, organizaram-se grupos de estudos com professores, acadêmicos do Campus do Pantanal/UFMS e os integrantes da Companhia de Arte Circense.

Concomitantemente às reuniões de estudo, foram realizadas oficinas práticas de técnicas de Arte Circense (manipulações de objetos: malabares; acrobacias corpóreas: de chão (solo), duplas e trios; equilíbrio acrobático: mão-a-mão – duplas, trios e grupos; aéreos: tecido, trapézio e lira); oficina de maquiagem (técnicas de maquiagem artística); e ensaio do espetáculo *Sobre o Azul das Águas*, que contava com 12 números, uma variedade de apresentações de dança e circo, abrangendo força e equilíbrio, aéreos, malabares e palhaços⁴.

Os locais em que o barco atracaria para a realização dos espetáculos e oficinas foram duas escolas das águas – Instituições de ensino ficam em regiões de difícil acesso e permanecem “ilhas” durante o ciclo das águas do pantanal, período da cheia dos rios (ZAIM-DE-MELO, DUARTE, SAMBUGARI, 2020, p. 03) – Escola Polo Paraguai Mirim e a Escola São Lorenzo, uma extensão da escola Porto Esperança. A opção pelas escolas foi para atender ao mesmo tempo alunos e professores e a comunidade ao seu entorno. As escolas das águas, muitas vezes, são o único espaço em que a comunidade pode se reunir.

As comunidades tradicionais ribeirinhas, tanto do Paraguai Mirim, quanto do São Lourenço, são chamadas de povo das águas e formadas por pessoas que vivem durante anos nessa região e há muitas gerações, numa dinâmica de vida marcada pelo ciclo das águas. As famílias nessas comunidades são quase sempre numerosas, morando em casas simples construídas de adobe, bambu ou madeira, com cobertura de palha, telha ou eternite, com poucos cômodos. Na maioria das vezes, sem piso, com distância variada uma da outra entre 5 a 3000 metros (ALMEIDA; DA SILVA, 2012).

⁴ As Oficinas eram realizadas na UFMS e no Instituto Luiz de Albuquerque em Corumbá, a criação e ensaios do espetáculo iniciaram em março e eram realizadas duas vezes na semana com duas horas de duração cada.



A ESTREIA

Após quatro meses de preparação intensa, com muito planejamento e ensaios semanais, confecção de figurinos, adaptação do barco, embarcava no picadeiro Kassato Maru (Figura 1), no porto geral de Corumbá no dia, 13 de junho, os 34 integrantes do projeto entre artistas circenses, profissionais da dança, acadêmicas e professoras do Campus do Pantanal/UFMS e a tripulação, rumo à primeira comunidade ribeira nas proximidades da escola das águas Paraguai Mirim.

Próximo à escola, a tripulação colocava o figurino de pierrô e, em pequenos barcos, anunciava aos ribeirinhos que o circo estava chegando. Isso se dava ao mesmo tempo que, no circo flutuante, um som bem alto era colocado, provocando curiosidade em todos. Quando o Kasato Maru atracava, o mestre de cerimônia anunciava que ali teria espetáculo. Logo após os artistas realizavam o número de abertura. A ideia foi criar um misto de fantasia e curiosidade nas crianças desde a chegada do barco às comunidades. [...] “o que nós fizemos foi transformar o barco num circo com palco” (A.B – diretor do espetáculo).

Findado o número de abertura, todos (artistas, professoras e acadêmicas) desembarcavam e começavam a interagir com a população presente, iniciando-se um intenso trabalho de sensibilização das famílias, professores e alunos. Foram realizadas oficinas de artes circenses com as crianças, com atividades executadas e planejadas a partir de dois princípios básicos: respeitar a diversidade cultural das crianças e da população ribeirinha e proporcionar momentos de ludicidade para as crianças.

FIGURA 1:

O picadeiro. Fonte: Relatório Final do Projeto Navegando no Rio dos Sonhos – 2ª Edição (UFMS, 2008).





Nas oficinas foram trabalhadas duas modalidades circenses, malabarismo com bolinhas e as acrobacias aéreas no tecido acrobático e aéreo (tecido), propiciando aos alunos uma grande diversidade de práticas motoras. As oficinas proporcionaram vivências corporais únicas de expressão, perigo, criatividade, magia e encantamento. As bolinhas para os malabares foram confeccionadas pelas crianças com balão e painço. O tecido foi instalado no galho de uma árvore, a uma altura em que a prática fosse realizada com segurança.

FIGURA 2:

Chegada do circo.
Fonte: Relatório Final
do Projeto Navegando
no Rio dos Sonhos – 2ª
Edição (UFMS, 2008).



A população ribeirinha que reside próxima à escola foi convidada para assistir ao espetáculo. O convite foi feito por meio de vários barcos de pequeno porte, com artistas (acadêmicas) caracterizadas, que foram de casa em casa, convidando para o espetáculo. No caso daqueles moradores que não tinham como se locomover, o barco retornou e os levou para a apresentação.



FIGURA 3:

Duo acrobático.
Fonte: Relatório
Final do Projeto
Navegando no Rio
dos Sonhos – 2ª
Edição (UFMS, 2008).



FIGURA 4:
Gran Finale. Fonte:
Relatório Final do
Projeto Navegando
no Rio dos Sonhos
– 2ª Edição
(UFMS, 2008).

A realização das oficinas e a apresentação do espetáculo foi, para as crianças, uma vivência extremamente rica, possibilitando-lhes o contato com manifestações culturais, artísticas e literárias bastante diferentes daquelas que já conhecem e que, certamente, contribuíram para sua formação. Pode-se afirmar que as crianças e a população em geral tiveram uma oportunidade rara (para não dizer única) de ter acesso a esses bens culturais.

Pra mim foi um espetáculo. Eu tô encantada com tudo isso. Eu quero dar meus parabéns pra quem inventou de trazer pro Pantanal este espetáculo. O pessoal aqui precisa disso. Pra mim isso aqui é cultura que estão trazendo pro pantanal. Estão passando coisas pras crianças que moram por aqui, principalmente aqui, essa redondeza do Paraguai-Mirim, onde se tem muitas crianças. Os moradores daqui são moradores muito antigos e é difícil ver o espetáculo desses por aqui. (Informação verbal⁵).

5 Informação obtida com uma das moradoras do Paraguai-Mirim, encontra-se transcrita no Relatório Final do Projeto, UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL (2008).



Após a apresentação no Paraguai Mirim, a trupe embarcou no circo flutuante para novos espetáculos, direcionando-se à próxima comunidade, nas redondezas da Escola São Lourenço, localizada a 220 km de Corumbá, na região Serra do Amolar.

Na comunidade do São Lourenço o processo se repetiu. Chegada dos piloteiros anunciando o circo flutuante, número de abertura, oficinas com os alunos e professoras da escola, convite à comunidade e espetáculo.

Os espetáculos quando terminados deixaram nas crianças e comunidades um misto de magia e encantamento. Para muitos, a visita do Kassato Maru foi a única vez em que lhes foi permitido assistir uma apresentação circense.

Nós fomos agraciados com a visita do projeto e foi fantástico. A emoção das nossas crianças foi indescritível. Posso afirmar que são poucas crianças que já tinham assistido a um espetáculo de circo na cidade e que a maioria delas nunca teve condições de vir à cidade (informação verbal)⁶

O projeto *Navegando no Rio dos Sonhos – 2a Edição: uma vivência em técnicas circenses e literatura infantil com professores de comunidades ribeirinhas* foi significativo tanto para as crianças e moradores das comunidades do Paraguai Mirim e do São Lourenço, quanto para os participantes (artistas circenses, profissionais da dança, acadêmicas, professoras do Campus do Pantanal/UFMS) da ação de extensão que vivenciaram uma situação ímpar nas suas vidas.

Os participantes estavam atentos para perceber e captar as questões referentes à cultura das crianças ribeirinhas, ou seja, acreditava-se que poderiam aprender muito com elas e que o projeto proporcionaria uma troca de conhecimento, de cultura e de saberes entre a população ribeirinha e a equipe do projeto.

Para os artistas que se apresentaram para uma plateia singular, que se encantou com as trapalhadas dos palhaços, que sentiram frio no estômago com as apresentações aéreas, foi necessário se adaptar ao palco, ao guincho para as modalidades aéreas. Ao mesmo tempo, ficou para todos uma sensação de dever cumprido, de ter possibilidade de ver a arte circense sendo valorizada e modificando, mesmo que momentaneamente, a vida dos ribeirinhos, como afirma uma das artistas.

⁶ Informação obtida com a coordenadora das escolas, durante Exposição das Fotografias do Projeto.



Nesse projeto a gente vem transformando vidas, não só do lado de cá, onde o pessoal se apresenta. Como em cada porto que a gente tem parado, a gente tem transformado vidas. A paisagem nos torna muito feliz, porque é inédito um artista poder se apresentar num palco como este, onde o maior produtor aqui, acho que é Deus. Cada dia tem um tom, uma cor, um cheiro, um sabor. E isso me faz a pessoa mais realizada neste sonho (Informação verbal⁷).

Para as acadêmicas, o projeto ultrapassou a barreira da formação profissional. Oportunizou a todas conhecer um pouco mais da realidade pantaneira, tanto no aspecto de beleza natural (o pantanal é considerado um dos locais mais lindos do Brasil), quanto na compreensão da diferença brutal que existe entre os moradores da cidade e das comunidades tradicionais ribeirinhas, pessoas extremamente receptivas, mas carentes de atenção e de políticas públicas mais incisivas para a sua região.

É o contraste entre a beleza da natureza a simplicidade do povo. Entendendo que estas pessoas ficam maravilhadas, talvez, com o que é tão pouco pro homem da cidade e pra eles é tudo. Na verdade, nós fomos pra ensinar, e, com certeza as 34 pessoas⁸ voltaram com muito mais aprendizado, do que foram levar (Informação verbal⁹).

Durante a viagem, houve contratempos climáticos, que dificultaram, em alguns momentos, a execução do espetáculo e das atividades. As escolas ribeirinhas não possuem estrutura física para alocar todas as atividades, sendo muitas delas desenvolvidas ao ar livre, como alternativa á falta de espaço.

Ao encerrar as atividades com as comunidades, o barco retornou a Corumbá dia 19 de junho e iniciou-se um processo de reflexão e de organização do material produzido. Uma riqueza trazida além da memória, registrada por meio de imagens, que marcou profundamente todos os envolvidos, comunidades tradicionais, artistas, acadêmicas, universidade entre outros.

7 Informação obtida com uma das artistas envolvida após o término do projeto.

8 Na realização do projeto além da trupe de artistas e acadêmicas da UFMS, participaram o responsável pelo barco, pilotos, professores da UFMS, o fotógrafo e a equipe da televisão local.

9 Informação obtida com uma das acadêmicas participantes em conversa realizada no retorno da embarcação para Corumbá.



UM GOSTINHO DE QUERO MAIS...

Lá se vão quase 12 anos que o circo flutuante navegou no remanso do rio Paraguai, deixando profundas marcas em todos os envolvidos no processo, proporcionadas pelas experiências e os afetos gerados em cada um daqueles que ali estiveram e foram tomados por essa experiência única, insubstituível e irreplicável que foram os encontros possibilitados pelo projeto. A experiência está aí, nesse vazio, nas possibilidades que aparecem na interrupção brusca, na surpresa ou no intervalo entre o comum e previsível (LARROSA, 2017).

E assim, por meio da arte, o espaço incerto e inédito para todos aqueles que ali se encontravam tornou os encontros possíveis. Não era apenas uma relação constituída entre artista e público, mas uma relação humana que se estabeleceu e revelou a importância e o papel artístico, no que diz respeito à alteridade e às aproximações. O espaço, antes constituído com certos distanciamentos e estranhamentos, tornou-se um lugar da aproximação e dos afetos (TUAN, 2013; CARLOS, 2007), compondo a subjetividade tanto da comunidade como de cada um dos ali presentes. Como já dito em outros momentos deste texto, sabemos que aquilo que foi proporcionado por esse encontro, artista-público, se mantém vivo, fazendo até hoje com que cada um dos participantes que compuseram essa caravana sonhe diuturnamente em repetir esses mesmos encontros com a expectativa de que novas experiências como essas possam vir a gerar novos encontros e afetos.

As marcas deixadas por essa experiência fizeram com que reverberassem outras ações voltadas para as atividades circenses, articulando ensino, pesquisa e extensão em vários contextos escolares e não escolares (ZAIM-DE-MELO *et al.*, 2018). Foram realizados os projetos: *Redescobrendo o circo como recurso pedagógico; Oficina de Tecido Acrobático; Da lona do circo aos muros da escola; Os Saltimbancos – Grupo Circense Universitário; e Ginástica Geral e Atividade Circense*¹⁰ (ZAIM-DE-MELO, RIZZO, GOLIN, 2019).

A maior dificuldade para a continuidade do projeto refere-se ao recurso financeiro, uma vez que a via de acesso às comunidades ribeirinhas se dá por meio de barcos. A segunda edição, aqui

¹⁰ Todas essas ações tiveram apoio da PROECE/UFMS.



relatada, contou com o apoio do Programa de apoio a Extensão Universitária – PROEXT/2007, do Ministério da Educação (MEC) e da Pró-Reitoria de Extensão, Cultura e Esporte da UFMS.

O financiamento deste tipo de projeto é essencial para novos empreendimentos direcionados não somente ao público das comunidades ribeirinhas, mas a todo o público extensionista, já que o aprendizado ocorre num processo de trocas.

REFERÊNCIAS

- » ABDON, M. M; SILVA, J. S. V. Delimitação do Pantanal Brasileiro e suas sub-regiões. **Pesquisa Agropecuária**, v.33, Número Especial, Brasília, p. 1703-1711, 1998.
- » ALMEIDA, M.A.; DA SILVA, C.J. As comunidades tradicionais pantaneiras da Barra de São Lourenço e Amolar, Pantanal, Brasil. **História e Diversidade**, v. 1, p. 10-31, 2012.
- » BATISTA, A. V. (Coord.). **Navegando no rio dos sonhos**. Corumbá, 2005. Disponível em: < <http://www.youtube.com/watch?v=EQM0VsqsRAw> >. Acesso em: 19 abr. 2020.
- » BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- » BERGSON, H. **O riso: ensaio sobre o significado do cômico**. 1 ed. São Paulo – SP: Editora Edipro, 2018.
- » BORTOLETO, M. A. C. Atividades circenses: notas sobre a pedagogia da educação corporal e estética. **Cadernos de Formação RBCE**, jul., p. 43-55, 2011.
- » CARLOS, Ana Fani. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. 1ª ed. São Paulo – SP: FFLCH, 2007.
- » DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia: capitalismo e esquizofrenia 2**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.
- » DUARTE, R. H. **Noites Circenses: Espetáculo de circo e teatro em Minas Gerais no século XIX**. Campinas, SP: Unicamp, 1995.



- » GODOY, L. B. **Tensionando o sentido do agir: o clown e seu potencial criativo.** Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas) – Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas. Limeira – SP. 2019.
- » HUIZINGA, J. **Homo ludens: O jogo como elemento da cultura.** 6ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- » LARROSA, J. **Tremores: Escritos sobre a experiência.** Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- » MINOIS, G. **História do riso e do escárnio.** 1 ed. São Paulo – SP. Editora Unesp, 2003.
- » PAULO, C. M. **Dinâmica territorial no Pantanal brasileiro: impactos do turismo e propostas de planejamento.** 2011. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Ciência Ambiental, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- » PEREIRA, J. G. **O patrimônio ambiental urbano de Corumbá-MS: identidade e planejamento.** 2007. 218 f. Tese (Doutorado) – Doutorado em Ciências Humanas: Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- » SILVA, C. J. **No ritmo das águas do pantanal.** São Paulo: NUPAUB/USP, 1995.
- » TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** Londrina-PR. Editorial Edel, 2013.
- » UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL. Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis. Navegando no Rio dos Sonhos – 2ª Edição: uma vivência em técnicas circenses e literatura infantil com professores de comunidades ribeirinhas. **Relatório Final.** PROEXT – 2007, p. 1-36, 2008.
- » ZAIM-DE-MELO, R.; AYALA, D. J. P. ;TIAEN, M. S.; SAMBUGARI, M. R. N. A atividade circense no Campus do Pantanal: dez anos de história no ensino, pesquisa e extensão. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE CIRCO: INOVAÇÃO E CRIATIVIDADE, 4. Campinas: Unicamp. **Caderno de Resumos**, p. 59-62, 2018.
- » ZAIM-DE-MELO, R.; RIZZO, D. T. S.; GOLIN, C. H. A influência das atividades circenses na formação de professores de educação física: um estudo a partir de projetos de extensão. **Revista Cocar.** Belém, PA, V.13. N. 27. Set./Dez./ 2019
- » ZAIM-DE-MELO, R.; DUARTE, R. M.; SAMBUGARI, M. R. do N. Jogar e brincar de crianças pantaneiras: um estudo em uma “escola das águas”. **Pro-Posições**, Campinas, v. 31. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072020000100504&lng=en&nrm=iso >. Acesso em: 31 mar. 2020.